



MEMÓRIA **MOVEDIÇA**

A pintura é a poesia do olhar

Não escolhi ser pintora, fui escolhida.

A bem da verdade, mais do que as artes visuais, foi a música que me acompanhou desde menina. O gosto pela música erudita vinha desde a minha avó materna. Eu sonhava ser pianista, bailarina ou atriz de cinema. Tudo menos pintora. Amava os Beatles, *O meu pé de laranja lima*, Anne Frank, *Pollyana* e *Romeu e Julieta*. Mas também, sempre adorei os trabalhos manuais. Amava desenhar. Assim, entre o sonho e os pincéis, optei pelo segundo, bem mais acessível. Descobri que com uma folha branca, grafite e tinta, eu poderia viajar tão longe quanto com o piano e o *ballet*. No início de tudo, minha mãe fazia lencinhos de cambraia, nos quais eu pintava rostos de bonecas. Prontos e delicadamente embalados com papel transparente, e o meu pai os vendia no seu taxi. Os passageiros amavam, e nós também! Para uma menina de dez anos de idade, o sucesso dos lencinhos era um sonho! Desenhar e pintar faz parte da minha vida, desde muito cedo.

Sou de uma família do interior, mas viemos para a capital quando eu era criança. Logo que chegamos em Porto Alegre, vindos de Carazinho, porém nasci em Chapada, fui estudar no Grupo Escolar Padre Teodoro Amstad, que há muito tempo deixou de existir. Depois veio o ginásio, no Colégio Souza Lobo e, por fim, o secretariado, no Colégio Irmão Pedro. O vestibular, naquela época, não foi possível como eu gostaria: o curso profissionalizante exigia o estudo de estenografia, datilografia, matemática contábil e inglês técnico, por exemplo, mas não física, química e biologia, fundamentais para o vestibular. Sempre gostei muito de estudar. Era líder de turma. Além de ser muito participativa em todas as atividades: coral, jornal, teatro e fui até Helena de Tróia (pode?). Gostava tanto de estudarm, que consegui uma bolsa integral de inglês, no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano. Fui do básico ao avançado em três





anos. Adorava também a *American Pop Music*.

No último ano do secretariado, fui estagiar na Secretaria do Trabalho e Ação Social, onde fui designada para o gabinete do então secretário, Nelson Marchezan. Fiquei um ano e posso dizer que aprendi muito, mas o mais importante foi ter a certeza de que aquilo não era para mim.

Conheci meu “príncipe encantado” com quinze anos: Paulo Antônio Cantali, pai da Fernanda. No dia 7 de dezembro de 1974, quatro anos depois de nos conhecermos, nos casamos. Fernanda, a maior e melhor de todas as minhas realizações, nasceu em 25 de agosto de 1978.

Depois de casada parei de trabalhar, mas, em uma reunião de amigos, alguém sugeriu que eu fizesse aulas de pintura em porcelana. Topei na hora e comecei a pintar sem parar: tecidos e porcelanas. As amigas começaram a pedir que eu as ensinasse. A ideia era tentadora, afinal, eu teria um grupo de trabalho e de convívio no meu apartamento. Porquê não?

Tive cinco espaços de atelier bem distintos. O primeiro foi no apartamento em que morávamos, no bairro Higienópolis. O quarto de empregada foi transformado em atelier. Nós pintávamos ali, na cozinha e na biblioteca. Esta tinha vista para o aeroporto. Uma vista linda. Distante, o som dos aviões, grave e longínquo, soava viagem. Mas, voltando ao atelier, é incrível pensar que eu tinha o mesmo número de pessoas que tenho hoje, só que em um espaço muitíssimo menor.

Alguns anos depois, construímos uma linda e grande casa, no bairro Boa Vista. O projeto da casa previa o meu segundo atelier. Era um atelier muito maior, iluminado, com entrada independente da casa. Fui muito feliz neste espaço. Fiquei realizada em ter um lugar especial para mim e para minhas alunas.

Um dia, recebi a visita de um amigo, artista. Mostrei meus desenhos, guaches, pastel seco, nanquim, etc. Técnicas sobre o papel. Ele me disse: “acho que tu não sabes, mas tu és uma artista”. Eu nem sabia a diferença entre artista e artesã. Sempre fiz arte de modo intuitivo. Mas aquela frase me marcou e resolvi apostar. Passei a frequentar o Atelier Livre da Prefeitura, onde estudei desenho, pintura, escultura e litogravura. O meu primeiro mestre: Danúbio





Gonçalves, além da gravura, me orientou sobre a técnica da aquarela. Afinal, eu adorava o papel. Foi maravilhoso! No começo achei que seria impossível, mas não desisti. O Danúbio me emprestava livros de arte e literatura, e eu os devorava.

Tive grandes mestres e oportunidades. Descobri que era professora, além de artista por natureza. Na medida em que eu mudava de técnicas e suportes, minhas alunas me acompanhavam. Dar aulas, além de muito estimulante, me ajudava a aprimorar o desenvolvimento da minha arte e da minha linguagem pessoal. As aulas sustentavam a artista. Assim, meu trabalho como pintora ficava livre da obrigatoriedade da venda imediata.

A guinada veio quando conheci Iberê Camargo. Passei a frequentar seu atelier, ler os livros indicados por ele. Vê-lo desenhar e pintar era uma grande escola. Ser uma espécie de assistente, com direito a aulas de desenho, foi mais do que um curso universitário.

Depois de onze anos de casamento, veio a separação. Comprei a casa em que vivo até hoje. Daquela casa, hoje nada mais existe. Muitas foram as reformas e ampliações. A primeira reforma foi ainda antes da mudança. Nesse meio tempo, o terceiro atelier, na esquina da Lucas de Oliveira com a Eudoro Berlink. Após oito meses, e a casa ainda em obras, eu precisava voltar para casa. De forma um pouco improvisada, resolvi usar a garagem como atelier. Ali produzimos muito. Ficávamos por lá, entre alunos e visitantes, produzindo arte. Meu grande amigo Edgardo Giora, que costumava vir ao atelier três vezes por semana, era o mestre do desenho. Fez o retrato de quase todos os alunos e amigos que por ali passavam. A música ficava por conta de outro amigo: Richard Chansonier. Ele tocava e cantava músicas francesas, sentado na escada da garagem. Raul Moreira Filho, meu médico e aluno, gostava de cozinhar. Subia até a cozinha e preparava, em geral um risoto. Eramos uma grande família. Essa sempre foi a marca do meu atelier.

O tempo passou e eu entendi que estava na hora de construir um novo atelier: o quinto e atual. Queria um atelier grande, iluminado. Foi necessário construir um segundo andar na casa. Mas a casa não tinha estrutura para isso. O arquiteto foi Paolo Giora, filho do meu grande amigo Edgardo. Era necessário fazer um “rasgo” em toda a extensão do living da casa, para afixar as vigas de sustentação do





atelier. Lembro bem quando Paolo perguntou: “Tens certeza que queres isso?” A resposta foi sim! A reforma começou em outubro de 1991 e se estendeu por vários meses. Em dezembro eu partia em viagem. Tinha um sonho de conhecer a Europa. Quando iniciei a reforma, as passagens já estavam compradas. Eu e minha amiga Anelise Padilha, embarcamos e ficamos por lá quase três meses. A obra andou e eu pude conhecer a grande arte mais de perto. A pintura dos meus mestres. Fiquei perplexa na frente d’*As Meninas*, de Velasques e das obras de Goya, no Museu do Prado. O Louvre, a *Vitória de Samotrácia*, a *Monalisa* e a *Guernica* de Picasso, fomos a Toledo, só para ver uma pintura de El Greco *O enterro do Conde de Orgaz*. Vimos Monet e todos os outros grandes mestres. A primeira viagem, além de inesquecível, me levou para um outro patamar existencial.

Em maio de 1992, abri as portas do novo atelier. Maravilhoso, amplo, e que já nasceu colorido. Comecei uma nova fase, inclusive, e principalmente, no meu trabalho, me reinventando sempre, em breves histórias de tempo. Eu aprendo ensinando e refazendo sem parar.

O novo *Atelier Lou Borghetti* promoveu exposições e viagens culturais a Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em Minas visitamos Inhotim, e em BH e Nova Lima, os ateliers de vários artistas amigos, como o de Amilcar de Castro e o de Thais Helt. A viagem para a França, foi ainda mais especial. Quatorze artistas deste atelier expuseram na Galeria Mansart, em Paris, sob a curadoria de Paulo Amaral, sem esquecer do que fizemos em Porto Alegre: a mostra “Um outro olhar”, que aconteceu no andar superior e na sala dos espelhos do Bourbon Country. Fizemos instalações temáticas. Cada aluna tinha uma sala para criar a vontade.

Vivemos de sonhos. Apesar de todas as adversidades, o que nos impulsiona são os nossos sonhos. E aqui, estamos festejando 30 anos e 33 mulheres! Como dizia Saramago: “**A gente, na verdade, habita a memória**”.

O *Atelier Lou Borghetti*, permite um intervalo para o mundo real e externo. É um espaço onírico e fantástico. A música afaga o silêncio. O café, o chá, a água fresca e o pão da (Rô)Lídice, adoçam a vida. A pintura e o desenho alimentam as almas, que se cruzam





através de linhas invisíveis, formando uma rede de amizades e relacionamentos. Nos vemos, conversamos e criamos. E, como num passe de mágica, o intervalo acaba, e cada um volta para a “vida de verdade”. Na semana seguinte, tudo recomeça, no mesmo ponto em que parou.

A mulher que habito, “tem todas as idades”, como falou Paulo Hecker Filho. Somos essas mulheres maravilhosas que nos habitam. Adélia Prado, no poema “Com licença poética”, profetiza:

“Mulher é desdobrável.
Eu sou.”

NÓS SOMOS.

Gratidão a todos.

Lou Borghetti
Artista Plástica

